

## UMA MINORIA VIRTUAL

**Márcio Souza Gonçalves**

Faculdade de Comunicação Social  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O artigo aborda uma nova minoria contemporânea, a dos amantes virtuais, dos seres humanos que constroem relações amorosas que se restringem ao ciberespaço. Nesses relacionamentos, a ausência de encontro corporal e a mediação maquínica acarretam várias consequências, especialmente no que concerne a questão da identidade. Essa experiência da identidade pode servir de base a uma crítica da naturalização da identidade existente quando da utilização da noção de minoria para fixar se sensibilidades, comportamentos etc., e é assim uma experiência que ganha um caráter positivo.

**Palavras chave: amor; virtual; minoria.**

Minoria: [Do lat. *minore* 'menor', + *-ia*.] S. f.

1. Inferioridade numérica.

2. A parte menos numerosa duma corporação deliberativa, e que sustenta idéias contrárias às do maior número.

3. Menoridade (2).

[Antôn.: maioria.]

Maioria S. f.

1. Qualidade maior; superioridade, excelência: Há grandeza na maioria dos seus feitos.

2. O maior número; a maior parte: A maioria das mulheres usa cosméticos.

3. Pluralidade de votos em um sufrágio, assembléia, sociedade; corporação, etc.: eleito por pequena maioria; aprovado por maioria.

4. A pluralidade de votos favoráveis: O partido não tem maioria na Câmara.

5. Partido ou aliança de partidos que, no parlamento, compreende o maior número de votos. [Antôn.: minoria.]<sup>1</sup>

Dessa rápida olhada no dicionário, tiramos que o primeiro sentido de minoria é puramente quantitativo; o segundo é quantitativo mas indica uma dimensão de qualidade, a opinião contrária; o terceiro remete ao estatuto do que tem menos de 21 anos ou ao aspecto quantitativo do menor número.

Maioria, por outro lado, tem em seu primeiro sentido já um traço qualitativo, e francamente positivo; posteriormente aparece a quantidade.

Trataremos de uma minoria nova, inédita, e que só pôde aparecer em nossa sociedade contemporânea, uma minoria que é quantitativa mas que é também qualitativa dado que, não sustentando “idéias contrárias às do maior número”, prática algo francamente estranho às práticas da maior parte os humanos.

Essa nova minoria é a dos amantes virtuais, das pessoas que participam de relacionamentos virtuais.

Vejam os em primeiro lugar o que são esses relacionamentos e quais as suas características. Refletiremos em seguida sobre o modo como compreender essa nova forma de relação. Finalmente, trataremos da questão da importância dessa forma de relação para a discussão mais geral do problema das minorias na sociedade contemporânea.

**Amor e Tecnologias de Comunicação**

As tecnologias informáticas de comunicação, notadamente a Internet, afetam a experiência amorosa de diversos modos.

Para organizar um pouco nossa compreensão, propomos uma tipologia dos espaços abstratos através dos quais a Internet pode afetar a experiência amorosa independente do meio (*site*, *chat*, *email*, grupo de discussão etc..) através do qual atue.

Teríamos como proposta a seguinte classificação: existem, em primeiro lugar, os espaços que permitem a publicidade amorosa, o anúncio da procura de parceiros. Tais espaços, empiricamente, podem ser grupos de discussão, *sites*, agências virtuais.

Em segundo lugar, temos espaços que permitem uma abordagem “teórica” acerca do amor, da experiência amorosa hoje etc. Empiricamente, mais uma vez, *sites*, grupos de discussão.

Temos a seguir os espaços que permitem dialogo online, seja através de imagens, texto, sons, utilizando avatares ou não. Empiricamente: programas tais como o *Mirc*, o *Palace*, salas de *chat* de provedores (Zaz, Uol etc.) etc.. Tais espaços dão ensejo à formação de comunidades virtuais.

Finalmente, temos a correspondência eletrônica como um método ou modo de se relacionar virtualmente. Praticamente, os programas de *email*, quaisquer que sejam suas formas. Vale lembrar que *emails* podem incluir troca de fotos, de sons, de filmes etc..

Do ponto de vista dos objetivos visados pelos usuários, podemos propor uma segunda classificação, que se sobrepõe à primeira. Esta segunda comporta quatro categorias, ou melhor, dois pares de categorias.

Esses pares de categorias são os seguintes: relacionamentos com objetivos reais e relacionamentos puramente virtuais; e, em seguida, relacionamentos efêmeros ou instáveis e relacionamentos duradouros ou estáveis. Um usuário, desse modo, no que toca à relação procurada, pode estar usando o meio informático como uma ponte para o estabelecimento de relacionamentos reais, o que qualifica uma certa forma de objetivo, sendo que o que importa é sair do virtual para encontros face a face ou em carne e osso, ou pode estar usando o meio informático como o próprio espaço onde vai se desenvolver a relação, não tendo esta nenhum objetivo, por qualquer razão que seja, de se tornar uma relação real. Além disso, sejam as relações procuradas reais ou virtuais, os usuários podem estar interessados, no que concerne à questão do tempo ou da duração, em duas formas diferentes, grossíssimo modo, de relação: relações curtas, cujas conseqüências devem se esgotar num curto lapso de tempo, como por exemplo um encontro real de uma noite ou uma rápida transa virtual, relações efêmeras e instáveis, ou então relações estáveis, como a utilização da Net na busca de um futuro parceiro para namoro ou casamento ou sua utilização para estabelecimento e manutenção de namoros virtuais duradouros.

As duas classificações que propusemos evidentemente se recobrem como duas redes podem se recobrir: a publicidade amorosa pode servir para buscar e permitir relacionamentos virtuais ou reais, efêmeros ou duradouros; mesma coisa para os espaços de diálogo; mesma coisa ainda, para o correio eletrônico. Quanto aos espaços de discussão teórica do amor, na medida em que não estão direcionados para a fundação de relacionamentos, ficam excluídos diretamente da segunda classificação, indiretamente dela fazendo parte na medida em que permitem que se discutam tantos relacionamentos reais quanto virtuais, instáveis ou estáveis.

O que chamamos de relacionamentos virtuais, que são os que nos interessam aqui, são em primeiro lugar relacionamentos: discutir teoricamente o amor num grupo de discussão ou anunciar-se num site de encontros, por exemplo, ficam excluídos de nosso campo. Mas, além disso, são aqueles relacionamentos que se restringem ao campo do virtual, portanto aqueles que não funcionam como um meio para que os participantes se encontrem no mundo real

(fora da Internet). São relacionamentos em que os participantes nunca se encontram pessoalmente, relacionamentos que só têm lugar no ciberespaço.

Esse fato faz com que os relacionamentos virtuais apresentem características próprias que estão ausentes dos relacionamentos reais.

### Os amores virtuais<sup>1</sup>

Em primeiro lugar, característica mais marcante e evidente, o corpo físico dos participantes de um relacionamento virtual permanece sempre excluído da relação. Trata-se de uma relação, nesse sentido, incorporeal.

Uma analista dessas questões situa precisamente a diferença entre as relações, por ela chamadas “fictícias” (tecnologicamente mediadas – telefone, Minitel, Internet) e as “reais” na ausência ou presença do corpo físico:

*se nas relações de “estar junto” (heideggeriano), e as de “face a face” (goffmaniano), a presença física dos atores sociais é uma característica fundamental, ou seja, uma relação de “presença-presença” (onde o olhar “descobre e revela” ao mesmo tempo), nas relações fictícias encontramos o reverso da medalha: é a ausência corporal a particularidade primordial das trocas relacionais. De uma certa maneira, podemos dizer que as relações fictícias são essencialmente de “presença-ausência”. Nessas relações, é um desconhecido que fala ou escreve com um outro desconhecido. Eles não se vêem jamais<sup>1</sup>.*

Essa ausência de corpo físico faz com que a identidade se coloque de outro modo.

O corpo sempre definiu o espaço do próprio e do individual, na medida em que sendo único e singular, confere a seu possuidor um lugar específico. Ora, a ausência de corpo físico, que traduziríamos por ausência de suporte corporal físico para a relação, faz com que a identidade perca sua territorialização orgânica, o que abre para a possibilidade de invenção de identidades fictícias que nunca serão desmentidas pela identidade corporal própria de cada um.

A posição lógica da identidade se modifica: se na comunicação tradicional a identidade é uma base sobre a qual vai assentar o processo comunicativo, as novas tecnologias fazem da identidade uma consequência da comunicação. “Contrariamente ao esquema habitual de comunicação onde a identidade dos parceiros é um dado inicial que introduz à comunicação, no caso dos serviços de mensagem-diálogo [oferecidos pelo Minitel, mas a afirmação é seguramente generalizável para a Internet] a identidade se torna o que está em jogo, um produto da comunicação”<sup>1</sup>.

Dessa ausência de corpo físico decorre uma outra característica importante: a impossibilidade do contato corporal, tanto no sentido sexual quanto no sentido de uma intimidade não sexual. Ora, assim sendo, o prazer sexual muda necessariamente de natureza, o orgasmo vindo por via masturbatória, ou sendo substituído por uma troca de palavras, imagens, sons etc. que alguma outra forma de prazer deve propiciar a seus praticantes.

A ausência de corpo e a possibilidade de invenção de identidades – sem levar em conta o fato de que essas relações são mediadas por uma tela e por um teclado que fazem as vezes de interface, superfície de comunicação – conferem a seus participantes, e aí temos outra característica, anonimato (que aliás não é absoluto, pois qualquer *hacker* competente consegue quebrar). Esse anonimato funciona tanto tornando mais fácil a entrega, a troca de confissões etc. quanto tornando-as impessoais. A experiência de revelar segredos para um desconhecido que não sabe quem somos pode ser mais fácil de ser realizada do que a de relatar segredos e fantasias para pessoas conhecidas e com as quais convivemos fora do ciberespaço.

A falta de territorialização corporal da subjetividade por um corpo físico abre a uma outra possibilidade interessante: a possibilidade de encontros, cruzamentos e relações que nunca teriam lugar de outra forma. Os relacionamentos virtuais sendo por definição incorporais, disso resulta que os lugares de encontro também passam a ser lugares incorporais, lugares virtuais, para usar a palavra.

O espaço físico opera uma série de seleções no que toca aos parceiros eventuais que podem ser encontrados: um alto executivo, pelos espaços físicos que frequenta, tem muito pouca probabilidade de encontrar um punk, e com ele estabelecer alguma forma de relacionamento; uma freira certamente só cruzará uma prostituta em condições excepcionais. Ora, essa seleção que o espaço físico opera depende de um grande número de fatores, dentre os quais, fatores econômicos, fatores culturais, fatores de classe ou grupo social a que pertence o indivíduo, fatores ligados ao sexo e às preferências sexuais de cada um etc..

No ciberespaço esses fatores são em grande parte abolidos, de tal modo que há uma maior possibilidade de que se realizem encontros e cruzamentos que por conta dos fatores segregativos do mundo real não poderiam acontecer. Falamos em maior possibilidade, pois a abolição desses fatores segregativos não é total: restam interesses pessoais, opções sexuais etc. que funcionam como filtros, na medida, por exemplo, em que uma pessoa só participa de grupos de discussão relativos a um determinado assunto. Resta ainda a segregação econômica, pois um computador multimídia custa dinheiro e um cibercafé cobra por tempo de acesso.

Mas é inegável que o potencial segregador do ciberespaço é menor do que o do mundo real. Deve ser levado em conta, além disso, que o anonimato proporcionado pela mediação faz cair inibições, aumentando o campo de ação dos indivíduos, e isso inclusive no que toca os seus parceiros de relação. Quantos homens ou mulheres heterossexuais não criam personagens de outro sexo que não o seu que vão entreter diversos tipos de relação virtual? Podemos citar pelo menos um exemplo, que chegou à nosso conhecimento numa das muitas discussões com amigos e pesquisadores acerca da Internet, exemplo que aliás não parece ser um caso isolado: uma usuária da Internet se relacionou virtualmente durante algum tempo com um rapaz, chegando mesmo a se apaixonar sem nunca tê-lo visto, e descobriu, para seu choque, diante de seus insistentes pedidos de que se marcasse um encontro real, que o rapaz era na verdade uma moça homossexual. No mundo real, tal relacionamento possivelmente nunca poderia ter se dado, pela própria presença do corpo que denuncia e exhibe a identidade sexual anatômica; o ciberespaço tornou tal cruzamento possível, ainda que quando se tenha tentado uma passagem para o real a coisa tenha desandado.

A conclusão geral que se impõe: encontros improváveis são tornados possíveis, o que representa evidentemente um enriquecimento no campo das possibilidades amorosas de todos nós.

Mas devemos tomar cuidado com uma associação que às vezes se faz entre Internet, esse crescimento do campo dos possíveis e as idéias de risco, aventura etc.. Exemplos: “Em nossa sociedade hiperorganizada, de onde a surpresa e o imprevisto tendem a ser banidos, é paradoxalmente o produto da tecnologia mais avançada, a Internet, que é doravante o refúgio do imaginário, do inesperado, da descoberta e do maravilhamento”<sup>1</sup>; Antoine Lefébure, ativista francês das rádios livres: “A aventura está doravante na Internet”<sup>1</sup>; ou ainda algo como “Surfar na Internet é não somente descobrir um outro mundo, mas também experimentar sensações que podem ser fortes. (...) Na Internet, navegar é realizar uma viagem cujas etapas não estão necessariamente previstas e cujo destino pode não ser jamais atingido, se supusermos que tenha sido definido na partida”<sup>1</sup>. É possível que essa mitologia do risco e da aventura sirva apenas como consolo para seres privados de qualquer encontro com formas de alteridade.

Permanece contudo o fato de que a paquera virtual é perigosa: “É preciso contudo saber que a ciber paquera é uma atividade de alto risco. (...) Os internautas são raramente tão sedutores sob sua forma humana quanto seus avatares”<sup>1</sup>.

Uma característica importante do ciberespaço – e também dos relacionamentos virtuais – é que, sendo virtual, nem por isso deixa de ser extremamente concreto para seus usuários. O que implica, indiretamente, que os personagens com que se dialoga no virtual também são percebidos como seres humanos (e o são) e os sentimentos experimentados são igualmente sentimentos “verdadeiros” ou “reais”, se é que tais palavras no presente caso têm algum sentido.

Há um vivido virtual que se pode qualificar de real:

*as interações sobre as redes telefônicas ou telemáticas criam, na vida real dos usuários, um outro espaço para se viver. Essas interações criam uma outra espécie de realidade, “meio-virtual” “meio-real”, mas ela é sempre um espaço de vida social. Uma realidade onde existe uma força virtual que pode transformar os desejos e os sonhos realizando-os seja de uma forma fictícia (que é vivida intensamente e se torna “vivida” com emoções e sensações reais) seja de uma forma concretamente realizada<sup>1</sup>.*

Nicolaci-da-Costa indica alguns traços da nova lógica instaurada pelos meios informáticos de comunicação: excesso; instauração de um novo tipo de raciocínio mais relativizado, integrado; liberdade de disponibilização e acesso a informação etc.. Remetemos os interessados ao próprio texto da pesquisadora<sup>1</sup>.

Ora, a mesma autora aborda a questão dos relacionamentos virtuais e de seu caráter problemático a partir da idéia de que o que faz problema para o usuário ou para seus parentes e amigos reais não é tanto o uso da tecnologia informática da comunicação, mas seu uso para o estabelecimento de relações puramente virtuais, bem como o não estabelecimento de pontes de ligação entre as duas realidades, a real e a virtual.

Em suas próprias palavras:

*Assim sendo, quero mostrar que as maiores dificuldades, tanto para o usuário como para aqueles que o cercam, emergem não necessariamente do uso do computador por horas com a finalidade de bater-papo ou trocar emails. Isto é relativamente bem absorvido se o interlocutor do papo ou correspondência digital é um parente, amigo ou conhecido do mundo “real”. Os problemas de ordem interna, familiar e social para o usuário surgem quando o computador é usado para estabelecer e manter os novos e revolucionários relacionamentos virtuais. É neste momento que emerge, para o usuário, o conflito interno entre as realidades paralelas. É também neste momento que começam as acusações de isolamento e comportamento anti-social vindas de amigos e familiares.*

*Mas é importante que todos saibam que nem tudo o que acontece na realidade virtual está confinado à mesma. Muitos são os usuários que já aprenderam a construir pontes entre as duas realidades e transferir o conhecimento e a experiência ganhos virtualmente para o seu cotidiano “real”<sup>1</sup>.*

Tal transferência, ou a construção de pontes, ao que tudo indica, retiraria, mesmo se o usuário não utiliza a comunicação digital para se comunicar com pessoas que conhece “realmente”, o caráter problemático do virtual.

Assim, seguindo essa linha, o problema estaria sempre no fato da realidade virtual estar fechada sobre si mesma, do usuário permanecer de um modo ou de outro no virtual, seja porque as pessoas com que se encontra são virtuais, seja porque é incapaz de construir pontes e aproveitar a experiência adquirida no virtual para em sua vida “real”.

Vê-se que o acento é colocado no real, finalidade última, o virtual sendo positivo se auxilia o real, negativo se dele se isola... a nosso ver, seguindo por esse caminho, nos afastamos da verdadeira novidade dos relacionamentos virtuais e do fato de que devem e podem ser encarados em si como relacionamentos plenos, sem depender da realidade “real” para ganhar seu sentido.

Alguns aspectos negativos dos relacionamentos virtuais destacados pela mesma Nicolaci-da-Costa:

*a ilusão de proximidade, conhecimento e intimidade a despeito das, às vezes enormes, distâncias geográficas é um dos contras da virtualidade. Quais são alguns outros? Um dos mais sérios é a fuga da realidade “real”, quando essa não é, ou não está, das melhores, o que, muito provavelmente, é parte do que está por trás do tão alardeado vício na Rede, principalmente nos chats<sup>1</sup>.*

Essa fuga da realidade em favor de uma outra realidade, de um duplo da realidade, tem sido uma constante no Ocidente. O homem tem inventado outros mundos para dar um sentido ao nosso desde, provavelmente, a aurora da humanidade. Esses mundos outros podem funcionar, evidentemente, como uma proteção contra uma realidade efetiva que se afigura insuportável<sup>1</sup>.

A linha geral de pensamento dessa autora pode ser mais ou menos percebida com clareza: ao que parece, ela liga os usos bons da Internet à construção de uma ponte entre real e virtual. O virtual fechado sobre si mesmo é tomado negativamente. Após enumerar uma série de aspectos positivos dos relacionamentos virtuais, ela diz: “Mas, para isso [esses usos positivos], o usuário tem que aprender a construir algum tipo de ponte entre a realidade virtual e a ‘real’”<sup>1</sup>.

Mas aos aspectos negativos acima mencionados podemos contrapor outros positivos. Esses espaços de relacionamento virtual podem ter o efeito terapêutico de abrir uma brecha na vida de pessoas extremamente oprimidas. Talvez possamos mesmo falar de transferência em relação a outros usuários, e como toda transferência esta também é possibilidade de cura. Citemos por exemplo o caso da Senhora M. A., que se comunicava num serviço de Disque Amizade mas que pode perfeitamente bem ilustrar o que se passa na Internet, apresentado por Rosa Freitas em sua tese de doutorado. “Essa senhora encontrou nas linhas do ‘145’ o caminho para escapar à sua própria solidão e insatisfação. Ela encontrou a ‘sintonia’ entre os desconhecidos”<sup>1</sup>. Que o futuro tenha permitido que M. A. se separasse de seu marido só vem confirmar nossa idéia de um aspecto positivo da relação virtual. “Essas relações de presença-ausência criam através das interações sociais um espaço especial para o desenvolvimento de sentimentos que não existiam antes”<sup>1</sup>.

A comunicação virtual pode apresentar às pessoas um mundo de possibilidades até então adormecidas, ou chamar a atenção para a infinitude do campo do possível. *o poder do Minitel [assim como da Internet, acrescentamos nós] é o de mostrar, de um modo muito claro, a liberdade de escolha. Ele põe em evidência o fato de que existem outros caminhos a seguir, outras possibilidades que estão disponíveis para cada um dos usuários. Nos jogos de máscaras, entre mentiras e ficções, o Minitel desvela uma verdade que grita alto: “você é livre para escolher seu caminho”, “você pode mesmo inverter o que está seguindo”. As possibilidades de mudar as maneiras de viver estão aí, ao lado das mesmas possibilidades de nada renovar no destino dos que se divertem nas redes. (...) Então, é da percepção das possibilidades disponíveis ao alcance das mãos que resulta um choque<sup>1</sup>.*

Uma pesquisa extremamente interessante desenvolvida por pesquisadores brasileiros aborda a questão dos *chats*, ou seja, dos diálogos em tempo real mediados por computador.

Tal trabalho tem a virtude de ligar os *chats*, ou melhor os bate-papo virtuais, a outros processos que atravessam e constituem a sociedade contemporânea, o que pode ser percebido na própria hipótese inicial que move aquele grupo de pesquisadores.

Não nos arriscaremos a resumir os resultados da pesquisa do grupo brasileiro, o resumo implicando uma fidelidade ao texto que apenas uma dedicação longa e rigorosa permite atingir. O que faremos aqui é tomar alguns pontos específicos que nos são especialmente interessantes e integrá-los ao nosso próprio percurso.

Desejamos destacar dois aspectos, um ligado ao imaginário que parece organizar as sensibilidades dos “chateadores” e outro ligado à efemeridade das relações.

Dada a proteção proporcionada pelo anonimato e pela mediação informática, se poderia supor que o ciberespaço seria o lugar da liberação das mais loucas fantasias e desejos. Ora, o que os pesquisadores brasileiros concluíram foi que essa hipotética liberdade era ilusória, e que de fato toda a linguagem que permeava os *chats*, e podemos especular dizendo também que todo o imaginário que lhe dava sentido, era na realidade importado do universo contemporâneo da pornografia. As fantasias, desejos, fetiches etc. ao invés de serem extremamente variados e diversificados são monótonos e repetitivos: salto alto, fio dental, etc.. Lugares comuns, clichês...

*Consoante essas afirmações de ordem teórica e metodológica, podemos dizer que a formação discursiva dos chats de sexo na Internet deriva diretamente de uma outra formação discursiva, a da pornografia. Não veríamos ainda, pelo menos em seu estágio atual, uma liberdade de expressão própria desses salões de entretenimento virtual. O próprio mundo virtual ainda depende demais do que é formado discursivamente no mundo real, ou este próprio, de há muito, é impregnado do discurso do que chamamos hoje virtual<sup>1</sup>.*

Uma reflexão aprofundada tende a desfazer o caráter surpreendente de tal repetição do imaginário da pornografia nos diálogos ciberespaciais. Basta atentarmos para o fato de que a mente ou a subjetividade (tomando aqui este termo no sentido de espaço psicológico individual) hoje em dia são em larga medida produzidas pelos meios de comunicação de massa, e que portanto os desejos de cada um são não uma singularidade pessoal mas o resultado de uma espécie de colonização interna realizada pelo social. A pesquisadora Bárbara Semerene dá algumas indicações do caminho para a compreensão do fato: “Mas é preciso entender que esse novo mundo está diretamente relacionado com o mundo aqui de fora, o dito real. Está inserido no contexto da sociedade de consumo de massa, no neoliberalismo, no capitalismo selvagem, onde o marketing é predominante em qualquer relação, profissional ou afetiva”. E ainda: “Então, assim como o resto do mundo, a Internet torna-se, cada dia mais, um grande *shopping*. O destino de tudo e de todos é entrar no mercado. O que mais se comercializa na rede são os próprios indivíduos. É o auge do *marketing* pessoal, e nessa ciranda todos se colocam como objetos”<sup>1</sup>.

A mesma repetição que se detecta na linguagem, e que extrapolamos para o imaginário que dá sentido àqueles discursos, pode ser encontrada se pensarmos nas identidades criadas pelos participantes de *chats*. Ora, o fato de as identidades criadas pelos participantes dos *chats* serem estereotipadas e reproduzirem imagens veiculadas pela mídia da o que pensar. “Ao não viver mais amplamente a ‘liberdade’ possível nos *chats*, perde-se a oportunidade de uma exploração maior dessa nova função de contato e constata-se que mundo real e mundo virtual estão muito próximos”<sup>1</sup>. E mais ainda: tal presença dos estereótipos indica a que ponto a colonização das mentes e da imaginação pelos meios de comunicação contemporâneos é forte. Em liberdade, o prisioneiro repete os movimentos e o cotidiano da prisão. Talvez seja preciso tempo, persistência, exercício para que a imaginação se desprenda...

O segundo aspecto destacado pelo grupo de Brasília e do qual desejamos nos apropriar se refere, como dissemos, à efemeridade das relações.

Nos *chats*, as relações podem se moldar com rapidez, mas podem terminar com uma rapidez ainda maior. Basta um clique do mouse para que um usuário seja definitivamente despachado da vida de outro usuário. Não há tempo, nem espaço, nem possibilidade para que se pergunte o porque do rompimento, para que se expresse uma mágoa, para que se tente manter a relação.

A tela que opera a mediação também funciona como proteção contra os riscos da realidade.

*O amor com as máquinas e as aventuras nos mundos virtuais são uma alternativa bastante sedutora na era da Aids, das gravidezes não desejadas e das doenças sexualmente transmissíveis. Na cibercultura, o desejo geral de um amor sem risco deu a luz aos jogos sexuais “em linha” que Gareth Branwyn, especialista de novas tecnologias, chama “sexo-texto”, aos programas pornográficos interativos, e a esse fantasma universal: o sexo em realidade virtual, ou “cibersexo”<sup>1</sup>.*

Ora, se a tela protege nos primeiros momentos do encontro, e enquanto durar a relação, protege igualmente no momento da separação: de modo algum a reação de um outro abandonado pode afetar o que o abandonou, e isso porque o outro abandonado é radicalmente excluído do mundo (virtual) do “abandonante”.

Nesse sentido, o outro é um objeto do qual posso me servir durante o tempo que quiser, e do qual me liberto do mesmo modo no momento que quiser. Esse descompromisso, onde o outro é descartável, qualquer outro sendo substituído por qualquer outro, parece favorecer radicalmente o consumismo amoroso. (Não há aqui nenhuma crítica ao sexo pelo sexo ou pelo prazer.)

Essa efemeridade possivelmente se liga ao tema da identidade, pois “afinal, sem identidade, todos estão completamente descompromissados ali e podem, a qualquer momento, desligar o computador e mudar de parceiro”<sup>1</sup>.

Algo da ordem de uma extrema superficialidade se molda.

Podemos admitir que haveria uma situação paradoxal dos humanos na contemporaneidade, situação que se caracteriza por um desejo de relações (sociais, amorosas etc.) sem a disposição de se pagar o preço necessário, e admitir igualmente que disso decorreria em parte a força de atração das relações virtuais. “Eis aí o conflito da pós-modernidade: as pessoas procuram as relações, os encontros, mas não querem compromisso, nem o trabalho e a responsabilidade que isso implica. Assim, as relações de presença-ausência se desenvolvem em todos os lugares, sobre as redes de ‘tele’ ‘comunicação’, ou seja, cada um em sua casa, livre para comunicar ou encontrar com quem quiser”<sup>1</sup>.

Como o consumo de mercadorias, o consumo de pessoas deve ser atualmente lábil, volátil, evanescente... o mundo vive dessa estranha forma de circulação...

Contudo, com todos os pontos positivos e negativos, o que devemos reter é que hoje em dia se pratica que uma nova forma, minoritária, de amor, o amor virtual.

### **A nova minoria e seu interesse**

Não há identidade natural de raça, ou gênero, ou credo, ou classe social. Para as de credo ou classe social o motivo é evidente: sendo estes fatores socioculturais, estamos longe do natural. No que concerne raça e gênero, a questão é mais delicada, mas não diferente: a raça ou o gênero funcionam como fatores a partir dos quais se constrói uma identidade dentro do espaço social, e portanto são tomados socialmente. Para o humano não

há corpo puro, cru – para retomar a velha oposição –, mas apenas corpo investido pela cultura, cozido. É por isso que não se pode igualmente falar em identidade natural de raça ou gênero.

A identidade ela mesma, argumento final, sendo uma construção psicossocial, não pode ser natural.

Ora, esse fato é escamoteado quando se utiliza a noção de minoria e de pertença a um grupo para sujeitar um indivíduo ou conjunto de indivíduos.

Dois elementos merecem comentário.

Em primeiro lugar, estamos afirmando que uma das possíveis funções da idéia de minoria é sujeitar um indivíduo ou grupo. Criar a idéia de pertença a uma minoria é criar a idéia de uma certa identidade comum que definiria essa pertença. Ora, fixar uma identidade, estabelecer um modo fixo de ser, é um mecanismo bastante eficaz de se controlar ou disciplinar mentes e comportamentos. A identidade funciona como uma camisa de força que delimita desde o começo quais são os gestos possíveis, os sentimentos possíveis. Por exemplo: a criação de uma identidade homossexual fixa um certo tipo de sexualidade como exclusiva e única – fulano é homossexual, portanto deseja membros do sexo oposto – o que significa na prática restringir o campo aberto dos possíveis – um eventual sentimento heterossexual, e Freud sustenta a bissexualidade original de todos, fica por definição excluído. O devir e a indefinição sendo problemáticos, a definição de um modo de ser identitário acalma a angústia frente ao imprevisível – os bissexuais são os mais incômodos em nossa sociedade ocidental.

Assim, pertencer a uma minoria é ser de algum modo específico, abandonando a indeterminação e a liberdade que são a característica do humano; é ter sua vida restrita a certos parâmetros que definem o aceitável pelo grupo minoritário.

O segundo elemento que merece comentário é o fato da artificialidade da identidade ser escamoteada nesse uso político da noção de minoria.

A explicação é simples: o uso da idéia de minoria para circunscrever com fins de controle um grupo é muito mais eficaz se se oculta que tal noção foi construída e se é apresentada como uma evidência, como um traço da natureza dos seres ao qual, por definição, não se pode escapar. Um indivíduo se conformará ao que se espera do grupo minoritário de modo muito mais dócil se crê que o esperado reflete realmente sua própria natureza, sua verdade, seu ser, portanto se for escamoteado que a identidade “minoritária” é algo socialmente construído. Retomando o exemplo do homossexual: este se conformará melhor ao estereótipo do homossexual, o que o torna mais aceitável, se supuser que aquele estereótipo define naturalmente o que ele é, sua identidade, seu ser.

A partir do que foi dito, sustentamos que os relacionamentos virtuais têm uma contribuição fundamental à discussão e a política dos minorias: sendo relacionamentos que prescindem do encontro físico e da base corporal, são relacionamentos, como dissemos, em que a identidade se coloca de outro modo. Exibindo o caráter fundamentalmente artificial da identidade, os amores virtuais permitem uma relativização das reduções identitárias que possam ser utilizadas para se definir e controlar uma minoria. Essa relativização, se não remove os mecanismos externos e objetivos de sujeição – força e violência –, pelo menos pode permitir a libertação interna ou subjetiva. Seguindo com nosso exemplo: nosso hipotético homossexual pode continuar sofrendo preconceitos, mas a libertação da idéia de uma identidade homossexual funciona permitindo que ele viva sua sexualidade sem ter de se conformar aos estereótipos, que a viva de um modo mais livre.

É evidente que as ciências psicológicas e sociais romperam desde longa data com a idéia de uma identidade natural. A vantagem dos relacionamentos virtuais em relação os discursos científicos é oferecer um exemplo concreto, vivo e presente do modo como se constroem as identidades. Um exemplo ao alcance de todos.

Mas além disso, os amores virtuais mostram que é possível a construção de um vínculo social – são amores – sem a presença da suposta naturalidade da identidade. Não se trata apenas de mostrar empiricamente que as identidades são produtos, mas sobretudo de mostrar que é com e como esses produtos que existimos e nos relacionamos com nossos próximos e, por que não, com nós mesmos.

Nesse sentido, talvez tenhamos algo a aprender com os amores virtuais, e talvez esse algo auxilie na luta das minorias. Mas esse auxílio não deixa de ser paradoxal, pois que essas minorias, do ponto de vista subjetivo, perdem sua naturalidade e evidência. A liberdade está mais próxima do vazio de uma planície do que dos *shopping centers* povoados de identidades.

### **Finalmente...**

Amin Maalouf, cristão libanês, cristão cuja língua materna é o árabe e que trocou o Líbano pela França, escritor que escreve em francês, cuja própria identidade é moldada, como ele mesmo diz, a partir dessas múltiplas pertencas, propõe uma bela noção de identidade num ensaio intitulado *Les identités meurtrières*<sup>1</sup>. Nosso autor, que pertence simultaneamente a várias minorias, está longe de tratar dos relacionamentos virtuais, mas uma ressonância com o que sustentamos se faz presente.

A identidade é por nosso autor encarada como singular, única, cada uma sendo diferente de cada outra. “Minha identidade é o que faz com que eu não seja idêntico a nenhuma outra pessoa”<sup>1</sup>. O porque dessa especificidade deve ser buscado no fato de que cada ser humano tem uma história única, cada um é uma mistura específica de diversos traços. Entre os traços determinantes das identidades de todos contamos religião, língua, família, além de tudo aquilo que constitui a vida de todos nós. Ainda que algum desses traços, num momento dado, possa se sobrepujar a algum outro, não há, de modo absoluto, nenhum traço que seja mais importante do que os outros.

Toda identidade é complexa, e evidentemente dinâmica. “A identidade não é dada de uma vez por todas, ela se constrói e se transforma durante toda a nossa existência”<sup>1</sup>. Referindo-se a si mesmo a é à sua genealogia contraditória e múltipla, Maalouf diz: “Meu objetivo não é – deve ter sido entendido – encontrar em mim mesmo alguma pertença ‘essencial’ não qual possa me reconhecer, é a atitude inversa que adoto: reviro minha memória para revelar o maior número de elementos de minha identidade, eu os agrupo, os alinho, não nego nenhum”<sup>1</sup>.

A partir dessa idéia de identidade, a humanidade é belamente definida como uma coleção de casos particulares. Nós, por nosso lado, podemos seguir dizendo que a noção de minoria, assim como a de maioria, deve também ser vista como uma coleção ou agrupamento artificial de casos.

Mas esses casos particulares, essas sínteses de contraditórios e de múltiplos, tomadas individualmente, não deixam de fazer uma unidade: “Eu insisti constantemente até aqui sobre o fato de que a identidade é feita de múltiplas pertencas; mas é indispensável insistir do mesmo modo sobre o fato de que ela é uma, e que nós a vivemos como um todo”<sup>1</sup>.

É evidente que uma concepção de identidade como essa é não essencialista, assim como as identidades ciber (não há sentido em perguntar a um amante virtual quem ele é “no fundo”!):

*Quando me perguntam o que sou “no fundo de mim mesmo”, isso supõe que haja, “no fundo” de cada um, uma só pertença que conta, de algum modo sua “verdade profunda”, sua “essência”, determinada de uma vez por todas no nascimento e que não mudará mais; como se o resto, todo o resto – sua trajetória de homem livre, suas convicções adquiridas, suas preferências, sua sensibilidade própria, suas afinidades, sua vida, em suma – não tivessem*

*nenhuma importância. (...) Qualquer um que reivindique uma identidade mais complexa se encontra marginalizado*<sup>1</sup>.

Cada um tendo uma identidade feita de múltiplas composições, “é justamente isso que caracteriza a identidade de todos: complexa, única, insubstituível, não se confundindo com nenhuma outra”<sup>1</sup>.

Amin Maalouf sustenta a hipótese de que a evolução tecnológica atual, e a evolução na comunicação é central nesse processo, assim como a globalização podem (o que não significa que vão) levar a essa nova concepção de identidade que o próprio autor aponta:

*(...) a evolução atual poderia favorecer, no fim das contas, a emergência de uma nova compreensão da noção de identidade. Uma identidade que seria percebida como a soma de todas nossas pertencas, e no seio da qual a pertença à comunidade humana ganharia cada vez mais importância, até se tornar um dia a pertença principal, sem por isso apagar nossas múltiplas pertencas particulares – eu não iria certamente chegar a dizer que o “vento” da globalização nos leva obrigatoriamente nessa direção, mas me parece que ele torna uma tal compreensão menos difícil de ser encarada. E, ao mesmo tempo, indispensável*<sup>1</sup>.

Uma profunda sabedoria no texto de Maalouf é defender que essa pluralidade e heterogeneidade das identidades de modo algum vai no sentido de equalizá-las todas, o que permitiria um regime universal de trocas. “As pessoas não são intercambiáveis (...)”<sup>1</sup>. A relatividade das identidades não faz do mundo um supermercado onde toda a mercadoria se equivale. Há uma preciosidade em cada um dos seres e essa preciosidade é única.

Essa ressonância que estabelecemos entre nossa visão de identidade construída nos relacionamentos virtuais e o que sustenta Maalouf é para nós importantes de um modo preciso: permite a relativização dos próprios relacionamentos virtuais e mostra que essa artificialização das identidades, com a importância que têm para o tema das minorias, não são um apanágio da tecnologia, e que um romancista sensível, percorrendo um caminho totalmente diferente, chega a conclusões análogas<sup>1</sup>.

Isso nos relembra que a tecnologia, ainda que fundamental, é segunda em relação ao homem. Pensamento necessário nessa época em que, metaforicamente, todos nos tornamos minoria frente à onipotência das máquinas.

## Referências Bibliográficas

- AKOUN, A. *La communication démocratique et son destin*, Paris, PUF, 1994  
DERY, M. *Vitesse virtuelle – La cyberculture aujourd’hui*, Paris, Abbeville – Tempo, 1997  
FERNANDES Y FREITAS, R. L. *L’Inconnu et l’imaginaire sur les réseaux de télécommunication: téléphone, Minitel et Internet*, Tese de Doutorado, Université René Descartes, Sorbonne, Paris V, U.F.R. de Sciences Humaines, Dezembro de 1996  
ICHBIAH, D. *Cyberculture, Comment parler cyber, séduire un partenaire cyber, se faire embaucher par un patron cyber, et mille autres clés pour entrer dans l’ère cyber*, Paris, Anne Carrière, 1998  
GONÇALVES, M. S. *Comunicação, virtual e amor na sociedade contemporânea*, Tese de Doutorado, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000  
MAALOUF, A. *Les identités meurtrières*, Paris, Grasset, 1998  
NICOLACI-DA-COSTA, A. M. *Na Malha da Rede – Os impactos íntimos da Internet*, Rio de Janeiro, Campus, 1998  
PORTO, S. D. (Organizador) *Sexo, afeto e era tecnológica: Um estudo de chats na Internet*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1999  
ROSSET, C. *O real e seu duplo*, São Paulo, L&PM, 1988

WADE, Ph. & FALCAND, D. *Cyberplanète – notre vie en temps virtuel*, Paris, Autrement, 1998

**Notas:**

<sup>1</sup> Verbetes retirados do dicionário Aurélio Eletrônico versão 1.2.

<sup>1</sup> Para uma discussão aprofundada dos amores virtuais, remetemos o leitor à nossa tese de doutorado intitulada *Comunicação, virtual e amor na sociedade contemporânea* defendida na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2000. Da conclusão a que chegamos, destacamos aqui apenas que os amores virtuais não devem ser compreendidos como amores aos quais falta algo, amores incompletos, mas sim como amores plenos, integrais, ainda que diferentes dos tradicionais amores onde ocorrem encontros face à face.

<sup>1</sup> FERNANDES Y FREITAS, R. L. *L’Inconnu et l’imaginaire sur les réseaux de télécommunication: téléphone, Minitel et Internet*, Tese de Doutorado, Université René Descartes, Sorbonne, Paris V, U.F.R. de Sciences Humaines, Dezembro de 1996, p. 227.

<sup>1</sup> BALTZ, C. & DOLIN, M. citados em AKOUN, A. *La communication démocratique et son destin*, Paris, PUF, 1994, p. 81-2.

<sup>1</sup> WADE, Ph. & FALCAND, D. *Cyberplanète – notre vie en temps virtuel*, Paris, Autrement, 1998, p. 74-5.

<sup>1</sup> Citado em WADE, Ph. & FALCAND, D. *Cyberplanète – notre vie en temps virtuel*, op. cit., p. 75.

<sup>1</sup> WADE, Ph. & FALCAND, D. *Cyberplanète – notre vie en temps virtuel*, op. cit., p. 75.

<sup>1</sup> ICHBIAH, D. *Cyberculture, Comment parler cyber, séduire un partenaire cyber, se faire embaucher par un patron cyber, et mille autres clés pour entrer dans l’ère cyber*, Paris, Anne Carrière, 1998, p. 88.

<sup>1</sup> FERNANDES Y FREITAS, R. L. *L’Inconnu et l’imaginaire sur les réseaux de télécommunication: téléphone, Minitel et Internet*, op. cit., p. 445.

<sup>1</sup> NICOLACI-DA-COSTA, A. M. *Na Malha da Rede – Os impactos íntimos da Internet*, Rio de Janeiro, Campus, 1998, toda a parte intitulada *Nova Lógica*.

<sup>1</sup> Idem, p. 207.

<sup>1</sup> Idem, p. 259.

<sup>1</sup> Clément Rosset assim se refere à ilusão, correlativa desse processo de fuga, nos lembrando que o real é inarredável: “Os diferentes aspectos da ilusão descritos anteriormente reenviam para uma mesma função, para uma mesma estrutura, para um mesmo fracasso. A função: proteger do real. A estrutura: não recusar perceber o real, mas desdobrá-lo. O fracasso: reconhecer tarde demais no duplo protetor o próprio real do qual se pensava estar protegido. Esta é a maldição da esquiva: reenviar, pelo subterfúgio de uma duplicação fantasmática, ao indesejável ponto de partida, o real” in ROSSET, C. *O real e seu duplo*, São Paulo, L&PM, 1988, p. 85.

<sup>1</sup> NICOLACI-DA-COSTA, A. M. *Na Malha da Rede – Os impactos íntimos da Internet*, op. cit., p. 262.

<sup>1</sup> FERNANDES Y FREITAS, R. L. *L’Inconnu et l’imaginaire sur les réseaux de télécommunication: téléphone, Minitel et Internet*, op. cit., p. 325.

<sup>1</sup> Idem, p. 326.

<sup>1</sup> Idem, p. 374.

<sup>1</sup> PORTO, S. D. *Análise do discurso: um pouco de intimidade* in PORTO, S. D. (Organizador) *Sexo, afeto e era tecnológica: Um estudo de chats na Internet*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 71.

<sup>1</sup> SEMERENE, B. *Abrindo as portas dos salões virtuais* in PORTO, S. D. (Organizador) *Sexo, afeto e era tecnológica: Um estudo de chats na Internet*, op. cit., p. 29 e 38-9.

<sup>1</sup> CHAGAS, E. *Prefácio* in PORTO, S. D. (Organizador) *Sexo, afeto e era tecnológica: Um estudo de chats na Internet*, op. cit., p. 19.

<sup>1</sup> DERY, M. *Vitesse virtuelle – La cyberculture aujourd’hui*, Paris, Abbeville – Tempo, 1997, p. 211.

<sup>1</sup> SEMERENE, B. *Abrindo as portas dos salões virtuais* in PORTO, S. D. (Organizador) *Sexo, afeto e era tecnológica: Um estudo de chats na Internet*, op. cit., p. 36.

<sup>1</sup> FERNANDES Y FREITAS, R. L. *L’Inconnu et l’imaginaire sur les réseaux de télécommunication: téléphone, Minitel et Internet*, op. cit., p. 383.

<sup>1</sup> MAALOUF, A. *Les identités meurtrières*, Paris, Grasset, 1998.

<sup>1</sup> Idem, p. 18.

<sup>1</sup> Idem, p. 33.

<sup>1</sup> Idem, p. 25.

<sup>1</sup> Idem, p. 36.

<sup>1</sup> Idem, p. 10-1.

<sup>1</sup> Idem, p. 30.

<sup>1</sup> Idem, p. 133-4.

<sup>32</sup> Idem, p. 31.

<sup>33</sup> Não estamos nos referindo a uma analogia de letra, mas antes de espírito.